

PÓS-GRADUAÇÃO E COMPETÊNCIA TÉCNICA

Aí fica o desafio da Leda para os debates mais tarde. E eu gostaria de passar a palavra a Sonia Kramer.

SONIA

Como a Leda, mais do que uma intervenção eu me preparei para fazer um depoimento. Antes de começar a ler o que eu tinha preparado, eu queria dizer que eu fiquei muito preocupada porque, em geral, eu tenho tido uma atuação muito crítica e diria até ,muito severa, participando em Seminários, em Encontros e fiquei um pouco me perguntando se eu compreendi a questão colocada, o que significou o Mestrado para mim, na minha vida. Para que eu seja honesta comigo mesma eu tenho que colocar aspectos extremamente positivos que muito significaram para mim. Fiquei em conflito, queria colocar isso até para poder relaxar e dizer o que eu trouxe para dizer, porque eu fiquei pensando, como é que eu vou chegar, eu que sou uma pessoa crítica, combativa, tenho feito determinadas críticas acirradas, como é que vou chegar lá e não vou fazer críticas severas ? Mas também isso, eu queria colocar, que é muito em função do significado do curso de PG aqui na PUC na minha vida, na minha história pessoal, por caminhos que venho percorrendo.

Então, como coloquei, tomei a questão, principalmente aquelas três questões provocadoras que estavam no interior do documento como motivo de fazer esse depoimento. Eu queria dizer inicialmente que o Mestrado representou para mim a possibilidade, eu não digo de aprimorar minha competência técnica, mas de buscar um aprimoramento

de uma competência técnica que, de certa maneira, eu trazia na medida que tinha tido muitos anos de experiência prática em vários níveis da realidade escolar, mas eu diria que ampliou essa busca do aprimoramento porque ampliou a minha compreensão política e a minha própria inserção social como educadora. Eu faço essa afirmação partindo do princípio que, para mim, dimensão técnica e dimensão política são cara e coroa da mesma moeda, nesse sentido eu concordo inteiramente com a colocação da Leda. Na medida em que para mim a ação educativa exige, para que ela seja substantiva, competência e compromisso com ambos os adjetivos técnico e político cada qual. Para justificar a visão política que eu trago sobre o muito que significou em participar do Mestrado em Educação da PUC, eu sinto necessidade de apontar alguns fatos e algumas reflexões que não vão se restringir a uma análise objetiva que talvez o objetivo desse Seminário exigiria, mas que, ao contrário, vão incluir dados e aspectos subjetivos de alguém que veio e afinal de contas acabou ficando e isso é um dado que tornou difícil essa avaliação. Eu organizei esses pontos relacionando-os à questão do contexto político, educacional, institucional e pessoal e vou colocar, muito rapidamente, alguns dados em relação a cada qual.

O contexto político e histórico do momento em que eu entrei para fazer o Mestrado, que eram os anos 79 e 80, traziam as nossas lutas pela anistia, as campanhas de rua do movimento da anistia, período de abertura política, de possível término da ditadura, democratização do país, fortalecimento da sociedade civil, reordenamento dos partidos políticos. Isso para uma estudante de Graduação que havia vivido os anos 70 e 71 numa universidade federal e que

tinha, enfim, a polícia invadindo as salas de aula e que mudou de curso, significou muito e que significou a influência desse contexto político no próprio contexto educacional da época. Eu diria que o próprio curso de PG, influenciado pelo contexto educacional da época, na época nós vivíamos o plano nacional de PG que viabilizava bolsas para a maior parte dos graduandos, a presença de grande número, no meu caso a maioria da turma, de colegas de outros estados, alguns estão aqui e eu espero que depois até discutam e discordem desse depoimento, se for o caso, e mesmo não sendo as condições que nós desejávamos, e eu queria enfatizar que foi uma turma muito combativa, nós entregamos um documento na época de análise crítica da própria PG e mesmo que essas não fossem as condições que nós desejávamos o fato é que para a maioria da turma a PG era a atividade básica, o que permitiu, de certa maneira, a nossa organização em termos de grupo de estudo, de seminários, uma atuação muito unida, muito junta, eu diria que a gente viveu a PG enquanto uma prática social. A origem diversificada da própria turma permitia que a reflexão se dinamizasse a partir das dificuldades e os problemas enfrentados por cada um no estado e na função que conhecia e em que trabalhava. Por outro lado, nesse contexto educacional é preciso mencionar o ponto em que se encontrava as reflexões sobre o papel da Educação e da escola na sociedade brasileira, basta lembrar que no ano de 1980 aqui tiveram reinício as conferências brasileiras de Educação, trazendo a análise da autonomia relativa da escola, a busca de alternativas para a política educacional brasileira, um posicionamento crítico perante essa política educacional nos seus diferentes níveis e a busca de alternativas comprometidas com a realidade brasileira, aspectos que, ao meu ver, pene-

traram e influenciaram nos nossos cursos, pelo menos nos cursos que tive a oportunidade de participar. As teorias dos sociólogos da educação, as teses sobre a escola capitalista, sobre a escola como aparelho ideológico de estado começavam a ser olhados sobre uma ótica menos determinística.

O terceiro ponto seria o contexto institucional específico do curso de Mestrado da turma de 79 da PUC, de que eu queria lembrar alguns aspectos além desses que eu já mencionei. Um deles é que a origem dos profissionais que compunham essa turma, e eu uso o termo profissionais propositalmente porque isso era tema de discussão nossa, nós nos considerávamos profissionais da Educação e rechassávamos muito a idéia de sermos considerados como alunos, então a origem desses profissionais era de áreas bastante diversificadas, havia sociólogos, economistas, estatísticos, psicólogos, matemáticos e educadores o que, de certa maneira, nos permitia viver a interdisciplinaridade do que falar sobre ela e, no meu caso particular, na medida em que eu tinha tido uma formação anterior em Educação, isso significou a possibilidade de aprender não só com os professores mas também com os próprios colegas. Fomos uma turma que se organizou e fez críticas muito severas ao curso e a própria Universidade, num momento em que aqui se vivia uma das sérias crises político-ideológicas que culminaram inclusive com a demissão de 22 professores, desestruturando equipes dos Departamentos de Filosofia, Sociologia e da Comunicação, fatos esses que evidentemente marcaram e influenciaram no curso. Eu lembro de alguns colegas que eram orientados ou co-orientados por professores destes departamentos, além do próprio envolvimento nas lutas, pelo menos daqueles que participavam da Associação de PG. Por outro lado, e acentran

do para uma análise interna do próprio departamento, um ponto a ser destacado era a ênfase dada ao departamento, a participação de pós-graduandos em projetos de pesquisa que vinham sendo desenvolvidos, aspecto, aliás, que nós considerávamos que era importante que fosse ampliado. Eu me lembro que um dos pontos que esse documento defendia com muita força era a necessidade de ampliação e de possibilidade de participação de mais pós-graduandos em projetos de pesquisa. Vale mencionar ainda a forma como muitos professores conduziam os cursos possibilitando a transformação dos programas a partir de reinviñdicação da turam: isso aconteceu pelo menos em dois casos muito fortemente. Mas mesmo essa minha visão otimista não me permite omitir determinados fatos que eram bastante sérios como a falta de professores me determinadas áreas , pois na época havia vários em doutorado no exterior e que não foram substituídos, pelo menos prontamente, a sobrecarga de outros professores principalmente prejudicando e dificultando a orientação de teses e a perda de outros ainda por razões de caráter institucional, ora financeiro ora ----- . Eu não sei se estou conseguindo mas eu estou tentando mostrar que para nós, para a minha turma, foi possível nós vivermos o curso de PG enquanto uma prática coletiva e viver essa experiência de Pós assumindo-nos enquanto profissionais da Educação que estava buscando adquirir, trocar e produzir conhecimento. E aí para finalizar alguma coisa sobre o meu contexto pessoal. Eu era uma ex-professora e supervisora de pré-escolar, naquela época professora de Estrutura e Funcionamento de Ensino em duas faculdades isoladas e vim para o Mestrado como uma forma de ampliar os horizontes e permitir uma prática, tentar enxergar um pouco mais as questões políticas que informavam aquela prática. Isso eu diria

que para mim a PG possibilitou sim, favorecendo não só o estudo sistemático mas até a análise daquela prática contextualizando-a histórica, social e politicamente. Permitiu compreender um pouco melhor a política educacional brasileira e tentar atuar de saída principalmente nas áreas de pré-escolar, 1º grau e formação de professores. O curso me forneceu alguns subsídios instrumentais para pesquisa em duas áreas que hoje são fundamentais no meu próprio processo de investigação que seriam o da escola básica e o da formação de professores, mas como eu vim e acabei ficando na minha análise se torna muito difícil separar o que foi contribuição específica do curso de PG e o que tem sido contribuição do meu trabalho ligado a esse Departamento, tanto sobre o prisma técnico quanto do político, na medida em que eu comecei a trabalhar aqui logo no 2º semestre do Mestrado. Mesmo não atuando como docente na PG, o meu envolvimento atual em pesquisa permite-me dizer que talvez um dos mais sérios desafios que nós hoje enfrentamos seja o de traduzir os conhecimentos produzidos academicamente para a prática e para a realidade educacional e social do país e por outro lado o de refletir sobre essa realidade e o sistema de ensino, buscando as respostas teóricas, política e tecnicamente necessárias ao sistema educacional brasileiro. Outro desafio que não pode ser minimizado sobre pena de idealizarmos a educação e a própria PG é a necessária fundamentação e a valorização dos profissionais da Educação, no caso em questão professores e pós-graduandos, garantindo-nos as condições dignas imprescindíveis ao trabalho acadêmico seja a nível dos salários e do valor e tempo de duração das bolsas, no caso de professores e pós-graduandos, seja a nível de maior e mais eficiente acesso à produção acadêmica nacional, seja a nível de possibilitar a continuidade dos trabalhos de pesquisa individual e coletivamente

construídos. Tais condições poderão talvez favorecer uma produção técnica e uma atuação política que o atual momento histórico brasileiro exige quer estejamos em universidades ou secretarias de educação, órgãos ministeriais, escolas de 1º grau ou instituições de pesquisa. Finalmente eu não poderia concluir esse depoimento sem falar do quanto o mestrado me foi importante em termos das amizades construídas, das angústias vividas e divididas das coisas aprendidas e mesmo correndo o risco de vocês me acharem um pouco acadêmica, eu diria do carinho compartilhado naquele momento e agora com colegas do cotidiano com aqueles que nesse Seminário eu tenho a oportunidade de re-encontrar. Espero que nós estejamos, por óticas diversas, em lugares diversos continuando uma luta por uma Educação mais democrática e uma sociedade mais justa.

- Bem, agora passo a palavra então à Vera.

VERA CANDAU

Bom, o que eu vou tentar aqui colocar, inicialmente eu gostaria de dizer duas coisas. Primeiro que é óbvio que o que eu vou dizer aqui está marcado pela minha experiência pessoal nesse Mestrado da PUC, no qual eu venho colaborando desde 1970 com algumas saídas mas sempre voltas à casa materna e evidentemente marcado pela minha área de atuação mais específica e pela minha própria formação e pela minha própria trajetória de vida, portanto eu não pretendo aqui, no que eu vou dizer, tentar fazer uma análise global de toda a experiência do Mestrado, eu acho que isso a gente vai tentar construir junto durante esse Seminário, mas nos referir mais pessoalmente essa reflexão, quer da minha própria experiência e do tipo de engajamento que eu tive ao longo desse tempo na PG aqui na PUC e evidentemente em confronto contínuo de experiências de PG de outras regiões do país e alguns momentos de outros países também. Por outro lado também o que eu vou tentar aqui dizer é algo assim muito ainda embrionado, quem andou conversando comigo esses últimos dias aí no Departamento, sabe que eu várias vezes disse: - Bom, eu já passei por diferentes posições diante desse tema e não tenho ainda muito maduro o que eu gostaria de dizer - mas eu acho que o importante aqui é que a gente se atreva a lançar algumas idéias que com o decorrer das discussões eu acho que a gente pode retificar, aprofundar e até repensar essas próprias idéias. Digo isso porque eu tive até brincando quando surgiu o texto "A PG e a Competência Técnica" e a pergunta que vinha atrás, a minha primeira reação foi dizer: - não, eu vou chegar lá e vou dizer que PG não tem nada a ver com competência técnica - e essa foi a minha primeira tentação. Depois tentando um pouco aprofundar na

questão, que eu vou tentar fazer num primeiro momento, é eu tentei um pouco me situando diante dessa trajetória da PG não só da PUC em geral, eu gostaria, num primeiro momento, de distinguir duas perspectivas de propostas de PG, eu vou me referir até aqui ao exemplo que deu o colega. Eu acho que uma forma de conceber a PG é orientá-la na perspectiva de um desenvolvimento profissional. Eu parto, ou se parte de um perfil profissional definido, de uma série de competências ou habilidades que esse profissional deve dominar, de conhecimentos, de habilidades técnicas, de atitudes e se tenta construir um curso que, de alguma forma, favoreça a aquisição desse perfil profissional. Eu tenho a impressão de que essa foi a tentativa do INPE para se referir a um programa que já não existe, poderia dar exemplos de outros existentes, mas nos referir a um que não existe, eu acho que essa foi claramente a política e a proposta adotada pelo INPE. É óbvio que essas propostas não nascem do vazio, elas nascem de um momento histórico determinado, ela tem determinantes históricos, políticos e sociais em determinado momento por todas essas razões elas afloram e são de alguma forma até reforçadas do ponto de vista de apoio financeiro. Mas isso seria uma forma de você conceber a PG, então ela está orientada fundamentalmente para um desenvolvimento profissional o qual suponho você tem um determinado perfil profissional previamente estabelecido, a identificação de habilidades necessárias para esse perfil profissional e a montagem de um currículo e de uma sistemática de trabalho que favoreça a aquisição desse perfil. Então isso seria uma perspectiva da PG. Eu acho que em alguns momentos essa perspectiva pode até ter predominado na história da PG do Brasil, acho que ela já teve presente na história do Mestrado da PUC, apesar de, e aí eu vou discordar um pouco da Leda, eu acho que isso nunca foi

uma realidade homogênea, monolítica e que não desse espaço seja para professores e alunos de desenvolver um trabalho numa direção diferente. Mas, enfim, eu acho que isso é fruto de um momento histórico e da própria forma como a PG em geral e na área de Educação especial surgiu nessa etapa dos anos 60, fortemente marcada pela própria experiência da PG Norte-americana. Então isso seria uma perspectiva da PG, a PG que enfatiza o desenvolvimento profissional e que, portanto, é a dimensão do profissional e do profissional entendido numa determinada ótica que predomina e que orienta toda a estrutura do curso e a dinâmica do seu funcionamento. Outra forma que eu acho que tem-se que ver a PG é muito mais centrada, e isso eu acho que essas tendências não são tendências que não podem co-existir até numa experiência, mas em geral predomina uma determinada perspectiva, é uma tendência de ver a PG muito mais centrada na compreensão crítica de uma realidade, no caso a realidade educacional, na busca de um conhecimento que permita uma intervenção consciente nessa realidade. Então ela está muito mais orientada nessa perspectiva da reflexão crítica e da produção de um conhecimento que permita uma intervenção crítica nessa realidade. Essas duas tendências me parece uqe conforme seja a tendência que predomina, a forma da gente ver a competência técnica num caso e no outro é diferente, então essa expressão competência técnica vai adquirir configurações diferentes conforme seja a perspectiva predominante no curso de PG. Na primeira perspectiva é óbvio que a competência técnica supõe, como eu já disse, uma clara definição de um perfil, relativamente claro, do perfil profissional que se quer ajudar a adquirir ou desenvolver, uma definição também clara das habilidades decorrentes desse perfil profissional e aí sim eu acho que perpassa uma idéia de que a aquisição dessas habilidades e

essa aquisição desse perfil profissional, de alguma forma é neutra, pois independe de uma determinada postura concreta teórico-político, epistemológica por um lado e político-social por outro intimamente ligado, referida à realidade onde se vai atuar. Eu acho que se a gente aqui voltasse a ver os manuais do INPE, uma série de produtos do Mestrado do INPE a gente veria essa postura, mas o próprio Arnon que viveu disse que a experiência prática não era que isso também fosse uma coisa tranquila, homogênea, que isso supunha também conflitos internos fortes, discussões fortes porque muitas vezes a realidade concreta ultrapassa de muito, inclusive uma proposta, como me parece que era a do INPE, do ponto de vista institucional bem articulado e consistente dentro dessa perspectiva. Agora, então a perspectiva da competência profissional dentro dessa primeira ótica é meramente instrumental e um instrumental muitas vezes considerado como neutro, é o como fazer, o como atuar em aquisição de determinadas habilidades que permitam operar diante de determinadas situações.

Já na segunda perspectiva, me parece que, e aí sim vai a minha tendência primeira, quer dizer, quase não tem nada que ver com competência técnica tal como vista nessa primeira perspectiva. Em primeiro lugar, a segunda perspectiva me parece não ter um perfil profissional pré-estabelecido, não tem e eu acho que isso, por exemplo, tem sido uma característica do Mestrado da PUC e eu acho que ficou evidente pelos próprios depoimentos, ou seja, as formações prévias eram muito heterogêneas, os exercícios profissionais muito heterogêneos e você não pré-define uma determinada saída profissional: o que o sujeito vai fazer depois do Mestrado é uma coisa que não está pré-definido e muitas vezes num grupo determinado essas experi-

ências e os possíveis desenvolvimentos profissionais podem ser extremamente diversificados, então não se trata de você pré-definir determinadas habilidades, pelo menos habilidades muito específicas que podem orientar um desenvolvimento profissional. Você vai botar ênfase, muito mais, primeiro nessa aquisição de um corpo de conhecimentos que seja capaz de favorecer a capacidade de explicar e compreender a realidade e a problemática educacional brasileira. A aquisição também de um instrumental que lhe permita formular fórmulas de intervenção nessa realidade segundo determinadas opções filosóficas e político-sociais de tentar ir mais nas capacidades de reflexão, de análise, de síntese de formulação de propostas, de análise na realidade concreta como ela vai se desenvolvendo, do que significa intervir numa realidade educacional, quais são os elementos que jogam aí, botando a ênfase muito mais em habilidades e em capacidades, vamos dizer assim, básicas de compreensão, de produção de conhecimento, de intervenção do que propriamente em habilidades específicas, essas habilidades mais de caráter específico, eu me atreveria a dizer, que o desenvolvimento profissional do sujeito na realidade vai levando ele progressivamente a ir adquirindo ou até procurando outras formas de aquisição de determinadas habilidades específicas que num determinado momento ele vai precisar usar como ferramenta, mas dentro dessa segunda perspectiva o curso de PG seria muito mais orientado à aquisição de posturas básicas e habilidades básicas muito mais do que numa perspectiva mais instrumental na medida em que enfatiza a aquisição de habilidades específicas e habilidades de natureza técnica no seu sentido mais restrito.

Nessa segunda perspectiva, concordo aqui com os colegas que falaram antes, que a diferenciação clara entre competência técnica e compromisso político se dilue, essas duas coisas têm íntima referência, competência e compromisso é técnico-político na medida, e eu gostaria também aí que a gente discutisse um pouco, porque me parece que o compromisso político ele não se concretiza exclusivamente na prática e na militância, extra muros universitários ou extra classe dentro da universidade, mas na própria maneira de conceber e tratar o conhecimento, a produção do conhecimento, os enfoques e o tipo de análise que se faz dos diferentes enfoques, esse compromisso político se manifesta.

Com essas reflexões um pouco de fundo, eu procurei pensar um pouco nessa minha experiência aqui na PUC o que eu percebo, ou pelo menos desde a minha percepção pessoal, como é que eu percebi a evolução da PG da PUC. Como eu disse a vocês, eu acho, quer dizer, eu gostaria de defender uma tese que é: que essa segunda perspectiva de alguma forma sempre teve presente na história da PG da PUC. Nem sempre foi a predominante, pelo menos no nível explícito refletido e, vamos dizer, claramente definido, mas ela sempre esteve presente. Pouco a pouco ela foi se transformando na perspectiva dominante e, me parece, que a partir da reformulação feita em 1983, ela claramente se explicitou, se definiu e ficou assumida como proposta global do corpo docente do Departamento como um todo. O que eu estou querendo dizer aí é que eu acho que houve um processo e que, de alguma forma, eu vivi esse processo na minha própria pele de história de vida, de história de formação e de maneira de conceber a minha própria área, digamos assim, a área de didática, eu vivi isso na pele. Então, me parece, que a gente pode distinguir diferentes

etapas, uma certa tensão entre essas duas perspectivas da PG, eu acho que ela esteve presente ao longo da história do programa da PUC. Num primeiro momento, eu acho que a primeira perspectiva predominou, predominou principalmente na definição das áreas de concentração, de planejamento, de métodos de aconselhamento, onde a referência, principalmente de planejamento e aconselhamento, era mais claramente profissionalizante e eu acho que predominou, apesar de que na minha experiência concreta eu acho que aqui tem professores e alunos que a gente pode trocar isso, eu acho que a forma de lidar com essa questão nunca foi uma forma exclusivamente operacional. Eu me lembro de discussões enormes a respeito de que o Departamento devia oferecer ou não um curso sobre PERT, eletivo para a área de planejamento, eu, por exemplo, sempre defendi a tese de que isso não correspondia ao Mestrado, se o sujeito queria fazer um curso sobre PERT que ele fosse fazer num curso de especialização, num curso de extensão da universidade mas não tinha porque ser um curso de PG, porque tinha um caráter meramente instrumental que isso não era papel da PG, e outras discussões assim que passavam muito até pela questão das ofertas concretas de curso. Eu me lembro de quando a gente tratava de micro-ensino nos programas de didática, eu acho que Treinamento e Habilidade de Micro-ensino raramente foi feito, a gente estudava a questão, via de onde tinha surgido, porque tinha surgido, qual eram os valores, quer dizer, nunca um enfoque meramente operacional, ele era exclusivo mesmo quando, muitas vezes, ele esteve presente e marcou fortemente o curso. A impressão que eu tenho é que houve tensão, toda uma primeira etapa onde essa tensão esteve muito presente e qe, de alguma forma, o enfoque mais profissional, ou mais dentro da primeira perspectiva que eu estou querendo desenvolver, predominava e eu acho inclusive que

isso é perfeitamente explicável dentro do momento histórico que aqui já foi várias vezes mencionado, mas que nunca isso foi uma prática homogênea dentro do Departamento nem uma prática, em alguns momentos até conflitiva, nos debates internos e certamente uma prática exclusiva. Sempre houve o espaço seja para professores eja para alunos de desenvolver algumas perspectivas que não eram as dominantes ou as predominantes, eu acho que esse espaço sempre existiu e eu me lembro que quando a gente estava preparando esse seminário e fizemos o levantamento das teses na área de métodos, isso era claramente, havia uma predominância de teses numa determinada perspectiva, mas sempre havia 3,4 teses que escapavam. Por exemplo , nessa primeira etapa, na área de didática predominava teses de tipo operacional de testamento do Vidal e numa perspectiva experimental de usar métodos experimentais, mas sempre havia algumas que escapavam disso, quer dizer, isso nunca foi impedido, quer dizer, essa pluralidade sempre existiu de alguma forma dentro do Departamento, apesar de uma predominância. Mas a reflexão interna, o processo que foi sendo seguido em confronto com a própria evolução da sociedade brasileira e da educação brasileira, do movimento dos próprios profissionais da Educação foi levando progressivamente a essa tendência a acentuar essa segunda perspectiva e se afirmando dentro do Departamento e terminar sendo aqui não só hoje em dia que predomina como a própria reformulação do curso nessa etapa de 83, a partir de 83, me parece que vai claramente orientado já de uma forma muito mais explícita, muito mais explícita, muito mais sistematizada, muito mais clara nessa segunda perspectiva.

O que eu fundamentalmente teria a dizer aí é isso, então, nessa segunda perspectiva a competência técnica é muito mais vista perspectiva, pelo menos na minha leitura da aquisição de uma postura básica diante da compreensão da realidade educacional, da produção de conhecimento e das formas de intervenção nessa realidade, tentando trabalhar isso de uma forma articulada do que na perspectiva de aquisição de habilidades específicas e muito claramente definidas ã priori. Se o curso tem conseguido ou não trabalhar, vamos dizer assim, passar essa perspectiva, eu acho que isso a gente vai discutir entre todos, mas certamente me parece que é uma perspectiva onde a competência técnica é vista de uma forma dinâmica, de uma forma que está em contínua mutação e transformação onde a partir de posturas básicas o sujeito, através da sua própria prática profissional, vai buscar e desenvolver habilidades mais específicas segundo a sua própria trajetória de vida e trajetória profissional que só pelo conhecimento que a gente tem das pessoas aqui presente, certamente varia muito através do seu próprio desenvolvimento profissional. Professores universitários que passaram a exercer cargos a nível central da universidade, passaram pelo sistema estadual, tem uma experiência de Ministério, quer dizer, o importante, ao meu ver, é você formar essas posturas básicas que vão permitir ao sujeito, nos diferentes desafios que a vida profissional vai lhe colocando, traduzir em diferentes situações como buscar as formas de presença e de intervenção crítica que o próprio desenvolvimento profissional lhe vai dizer.

- Após essas colocações, todas tão polêmicas, a gente vai fazer um intervalo para o cafezinho e para o reencontro amigo e depois a gente volta para os debates.

Antes de mais nada, o pedido realmente é feito a cada um de nós, tem duas vertentes. Uma é uma questão geral que nos foi colocada e o pedido da exposição do nosso testemunho, da nossa experiência no curso, nossa experiência profissional que esteja ligada a ... Eu vou partir do individual porque eu acho que muitas vezes a própria experiência já dá uma série de pistas sobre como nós responderíamos a questão, então, no fim, colocaria alguns pontos só mais para o debate.

Com relação à colocação como aluna, realmente o fato de ter que confessar, foi uma das turmas pioneiras, a turma de 66, vale por alguns pontos eu acho que o fato de ser o grupo pioneiro tem vantagens e desvantagens. Primeiro situar 66, quer dizer, é um ano depois da própria definição do que era PG, quer dizer, do que se pretendia, nós estamos no meio das propostas universitárias, nós estamos justamente no período das reformas das universidades federais e depois da reforma universitária, quer dizer, é um momento todo de ebulição, de troca de idéias fora toda a movimentação das uniões estudantis, quer dizer, nós temos toda uma fase de definição, de procura, então a minha entrada na PG não foi uma opção, foi um convite de quem nem ainda sabia direito o que era PG. Quando eu terminei o curso de Pedagogia, Pe. Bento me chamou e me perguntou se eu gostaria de participar do curso de mestrado, eu arregalei o olho e disse: - o que é isto? - eu era professora primária, tinha feito o curso de pedagogia naquela sequência natural, que durante muito tempo e que talvez fique ainda hoje, e realmente ele me colocou toda uma proposta da PUC na época, da preocupação com a formação de seus quadros e do interesse que teria da participação, e até na época era minha e da Nerise, esposa do prof. Carmelo, e nós duas aceitamos com todos os impasses e ida e vinda de bolsas, quer dizer, com todas as dificuldades. Em relação a esse período, as primeiras turmas ganham num aspecto, é aquele entusiasmo da entrada, é aquela colocação dos professores mas por outro lado é toda insegurança do que é uma PG, então as próprias exigências iniciais, eu me lembro, e essa foi uma das desvantagens, porque a primeira turma foi em 65 e a segunda em 66, as primeiras teses foram em 72, então podem sentir o impasse, nem sempre os alunos foram para o Nordeste, eles estavam aqui, mas simplesmente empacados, isto é, quan-

do vai sair o primeiro trabalho até para todo mundo ver como é. Então, pesquisa? O que é isso? Até na época, posso dar um testemunho pessoal, porque ele vai refletir na minha experiência profissional toda a problemática que eu tive com bolsa me fez entrar no curso só em maio e eu desembarquei na disciplina de Pesquisa, avisada que dali a uns dez dias teria uma prova e que já se estava na página 450 do ----- e a Roda, que eu acho que muitos conhecem aqui, então eu tive assim uma indigestão inicial de pesquisa e eu acho que essa indigestão, apesar do ----- e a Roda, me fez bem porque eu me liguei muito à problemática da pesquisa. Logo no ano seguinte foi já criado no curso de Graduação, e é por aí que vai praticamente o meu testemunho, um curso de ... e ficou se pensando o que era, é ensinar os alunos ... bom acabou-se montando um curso de Métodos de Estudo e Bibliografia, fazer um negócio bem grande para tentar ver, ir à biblioteca, quer dizer, essas coisas que ... dizem que o aluno não sabe nem escrever quando chega na universidade. No ano seguinte nós tiramos essa disciplina e transformamos no curso de Pesquisa Educacional em 68 e que eu venho lecionando até agora. Então podem ver que é um longo percurso. Com relação à finalização de nosso curso e a defesa da dissertação o que eu colocaria ainda como subsídio ao programa foi, primeiro, completando um pouco até o testemunho do Eupídio, se ele foi impedido pela profa. que gostava de números, eu consegui defender graças ao empurrão dessa professora, ao lado contrabalançado por uma crítica de uma professora que está aqui presente, a profa. Eulina, no qual eu fiz um trabalho achando... quer dizer, achava não, a gente quando olha, a gente não está acreditando mas a gente tem que ter alguém que diga para gente: - não está bom - então realmente contrabalançou muito as duas tendências e a gente conseguiu realmente sair uma série de trabalhos, então eu acho muito importante, inclusive essa presença entusiasta dos professores, eu me lembro muito bem quando eu defendi uma pessoa que me deixou extremamente emocionada com a presença foi o prof. Dumerval Trigueiro que doente, a primeira vez que ele saía de casa, ele foi assistir a defesa minha e do Djalma. Então eu achei uma coisa em termos de educador fantástica, são esses pontos que a gente não esquece mais. E na minha banca, no dia, eu não percebi porque estava meio aflita, mas também começou a se discutir essas diferentes visões metodológicas, então foi muito interessante, eu aflitíssima na hora realmente nem peguei, eu assisti ainda bem que não

sobrou para mim, muito eticamente os professores discutiram entre si, e o meu trabalho não foi questionado encima disso, isso é muito importante, mas se sentia diferentes visões, de como trabalhariam não o meu trabalho mas tipos de trabalhos, então eu acho muito importante que em 72, já nas primeiras teses, já se discutia, digamos, diferentes abordagens no modo de tratar trabalhos e dissertações. Eu assumi a disciplina de Pesquisa Educacional e venho trabalhando nessa disciplina e acreditando nela desde então. Ela chegou a ter 2 disciplinas, Pesquisas I e II, ela passou a ter uma disciplina só e uma optativa, depois ela voltou a duas diluídas como duas disciplinas de 2 créditos e é sobre essa experiência que eu gostaria de colocar porque eu acho que muitas posições, muitos problemas apresentados na Pós, eu acho que tem um reflexo na graduação. Primeiro ponto é que realmente o meu trabalho acompanhou, de certa forma, todas essas mudanças porque a gente acompanha, digamos, eu fui um pouco tecnicista na época que era, então a gente vai sentindo, vai acompanhando na graduação essa própria trajetória. Evidentemente eu também evolui num ponto que foi um grande problema do início da formação de professores na PG, inicialmente a gente tinha a tendência de traduzir literalmente o que dá na PG na Graduação, quase que a gente pegava os apontamentos que eram dados, as leituras sem nenhuma visão dos diferentes tipos de grupo, então a gente ficava muito entusiasmado com aquele material que tratava e tentava leva-lo da mesma forma e o mesmo material e esperando o mesmo resultado, deram grandes zebras. Encima também dos fracassos, porque a gente tem que contar os fracassos, e alguns fracassos de sentir como o aluno não consegue digerir um "----- e a Roda" e uma vez eu tentei e cheguei a conclusão que não era possível, então começou a se produzir mudanças e um dos pontos que eu acho importante colocar aqui é a descoberta e o uso de uma coisa importante que eu acho que é uma contribuição importante da PG e que o Candido colocou há pouco e que são as dissertações, quer dizer, aquela produção dos alunos e que está aí, nós temos em torno de 300 e alguma coisa. Eu comecei a usar essa produção para os alunos de graduação então eu fazia resumos, às vezes até tirando os títulos para os alunos lerem e perceberem, porque o que eu esperava e passei a esperar depois de algum tempo que eu fiquei mais lúcida talvez?, é que o aluno de graduação, ele é um futuro consumidor de pesquisa, as pesquisas estão aí, ele lê, ele dá aula assim com esse método porque uma pesquisa disse assim, agora quê pes-

quiza?, aonde ? , de que jeito ? Baseada em que ? Eu acho que qualquer profissional tem que saber ler documentos, e, nesse ponto o problema que a Evair colocou , o problema da linguagem científica existe, como existe o economês existe o pesquisês, então ele precisa dominar essa terminologia para conseguir ir além, não é para ficar nela, para ir um pouco além dela, então as produções, as dissertações, além evidente das produções em revista, foram muito importantes e inclusive comecei a sentir quanto menos manual melhor, tem que dar é pesquisa para eles lerem e a partir do que eles lêem eles começam a perceber as coisas e um ponto importante que eu acho que é uma responsabilidade da graduação que é, através da produção há uma possibilidade de reconstituir essa própria trajetória para o aluno. O aluno não pode pegar o último grito em termos de pesquisa, é bom ser exposto e ele talvez perceber a pesquisa experimental, aquelas pesquisas, e ele começa a sentir : - mas isso foi pesquisado, é interessante, a definição operacional - então, ele vê aquilo e fica assustadíssimo quando tem assim análise da ..., então eu digo : - lê outra vez - moçal já sabe , lê outra vez, então ele diz assim: interessante , nível cultural do professor, aí tem lá embaixo " definido como número de livros que tem em casa", aí ele diz assim; - mas você acha isso válido ? - aí eu digo: - o que você acha ? - aí você volta a pergunta , então ele começa a descobrir, quer dizer, no momento em que ele relaxa em termos da terminologia, ele não se assusta mais com ela, ele começa a ter um senso crítico, começa a ler realmente essas pesquisas de uma outra forma, ele começa a perceber que algumas coisas que ele já leu eram pesquisas mas ele não tinha percebido , então ele diz assim : - eu acho que isso aqui era pesquisa - aí ele volta ... e falava , falava de amostras falava de uma série de coisas que ele não se tocou pela falta de uso da terminologia, foi para o resultado, talvez ele não concordasse muito, agora ele não sabe se ele não concorda porque a postura, o enfoque ele não concorda, se é porque o enfoque é perfeito mas ela é ruim, quer dizer, ela é mal feita, se ela não é clara, ele confunde o confuso então ele pensa que ele não sabe, mas às vezes é confuso mesmo. Então esse tipo de trabalho é que eu acho que está se tornando cada vez mais produtivo em termos dos grupos de pesquisa. Por outro lado, como eu sou uma otimista às vezes, eu procuro fazer com eles quando se apresentam

problemas, pesquisa, quer dizer, trabalhar na prática; eles fazem, às vezes, projetos então, eu até falo, Introdução ao prefácio de um anteprojecto de pesquisa, porque não há condição, eu acho que se ele conseguir visualizar um problema, é uma hora em que aluno de graduação passa a não ter mais problemas em Educação, ele não tem mais problema, qualquer problema ele não consegue ... na hora que ele entra ele sente que não tem nada para ir ... eu acho até se ele não encontrasse ele sentir isso eu acho muito importante, às vezes problemas estão muito ... você não tem nenhuma consistência, começa a haver uma descoberta boa e saudável, "puxa, eu não tenho conteúdo para isso", eu digo: - ótimo, se você descobrir pelo menos isso e procurá-lo, eu acho que já é uma contribuição - . Com relação ao avanço desses trabalhos, o que eu sinto em termos às vezes de dificuldade, e isso já foi levantado por Leda no primeiro dia, por Elizabeth, é que às vezes eles sentem problemas na hora daquele embasamento fundamental, para poder dizer assim: - bom, que tipo de enfoque, muitas vezes implícito, está por trás? - então realmente isso tem sido uma dificuldade sentida pelo grupo, até a própria reformulação dos cursos de pedagogia atualmente, pontos de consenso, é a necessidade desse reforço realmente numa formação básica, quer dizer, nós estamos caminhando por aí. Um outro aspecto problemático é o problema da integração entre as disciplinas, quer dizer, a própria pesquisa ela suporia, digamos, uma integração porque nós usamos os conteúdos que estão nas disciplinas, então, que problema? Aquele problema que é de seu interesse; então, nós temos conseguido algumas experiências, mas não é fácil, não é fácil por dificuldades nossas de entrosamento de horário e vários pontos de realmente não deixar que se faça pesquisa só na disciplina de Pesquisa. Os outros falam e até que ponto nós estamos falando a mesma coisa, quer dizer, dá aquela impressão de entrosamento e não de repetição que é diferente, às vezes mas às vezes a gente está repetindo, não, nós estamos entrosando, quer dizer, muitos trabalhos, agora um que está sendo feito com orientação e melhorou o meu trabalho, é que além de fazer uma análise de uma dissertação inteira, é feito do aspecto metodológico para mim e do aspecto do conteúdo para essa professora de orientação. Então, nesse sentido, ele tem que localizar aquela dissertação dentro daquele espaço de tempo e saber porque aquela metodologia naquele momento, aquele conteúdo, ele é um avanço ele não é um avanço, então realmente tentar

avaliar esse material, essa produção da própria PG é muito importante. Eu só queria fechar aqui colocando alguns pontos em relação à questão, quer dizer, a questão colocada da validade e da existência dessa relação ensino e pesquisa. Quanto à validade, quer dizer, vista como uma filosofia de docência universitária no sentido de que o processo educativo implica geração e transmissão do saber, não puramente fica numa vertente, todos concordam, o problema é como ela se coloca e a discussão tem sido muito por exemplo se colocar no indivíduo então, a reforma universitária localizou esse entrosamento no indivíduo, acabando a carreira do pesquisador, é o professor-pesquisador individualmente, apesar dele dizer que não é totalmente um ou totalmente outro, o que nós vimos é que, colocado nesse plano individual e é isso que se discute muitas vezes, é que se poderia, teoricamente, o professor se dedicar mais a um ou mais a outro, perfeito teoricamente. No momento em que a pesquisa está sendo vista e está sendo percebida também como uma forte fonte de complementação salarial, então existe o problema de que todos querem ser pesquisadores, no momento em que ele é considerado como parte integrante para considerar as 40 horas, se faz qualquer papel para realmente conseguir ganhar as 40 horas.

O outro aspecto é a indissolubilidade na instituição que é a discussão que está agora no documento do GERES, então esse é um outro ponto, quer dizer, a instituição, cada universidade para ter esse nome tem que ter nem que todas as pessoas tenham, ou como está colocado no GERES, motivo de grande discussão, "não, algumas podem transmitir e outras ... então é você institucionalizar aquele problema que estava no individual, eu acho que são dois pontos importantes. Com relação à PUC, e eu acho que localizar institucionalmente, por exemplo, a PUC é uma instituição que se colocou como modelo enfatizando a pesquisa na PG, desde a reforma universitária ela se colocou; no outro dia até numa discussão a Zélia estava perguntando: - não, mas quais são os reflexos dessa primazia? - então eu até fiquei pensando sobre essa questão. Realmente, a própria reforma quando montou, digamos, a sua estruturação organizacional, ela tinha uma diretoria de ensino e uma de pesquisa e uma de extensão encima das próprias funções, posteriormente criou-se o primeiro ciclo, pesquisa e PG e extensão, vinculou-se a pesquisa à PG, a coordenação de PG e pesquisa existe praticamente da reforma da PUC e a

coordenação de graduação, por exemplo, eu sei porque fui a primeira coordenadora de graduação, foi criada agora em 82, então realmente existe uma ênfase traduzida em carreira docente e isso tem implicações para esse equacionamento se discutir essa divisão, essas tendências de realmente se ensinar mais ou pesquisar mais desde que ambos sejam valorizados, eu acho que enquanto isso não acontece você tem uma série de distorções.

Com relação a "atinge o objetivo?", quer dizer, concordo, como a própria Bernadette colocou, que realmente essa relação ensino-pesquisa está bem prejudicada no ponto de vista geral, eu acho até que consegue-se muita coisa individualmente, por um esforço próprio, eu acho que o departamento aqui falando tem tentado muito a participação dos alunos de graduação e até o trabalho do -----, que você citou em termos da reforma universitária que apareceu aqui; eles assumiam a relação PG e pesquisa, tanto que não pesquisaram os alunos de Pós e assumem essa relação e perguntam em relação a ----- . Eu acho que se valeria discutir também na PG, apesar da minha participação ter sido mais na Graduação, eu acho que os professores mais ligados aos programas poderiam colocar isso. E eu acho que só para concluir, essa existência está muito ligada a uma série de condições que têm que ser discutidas junto, agora não é pela falta de condições que nós vamos negar a relação, eu acho que alguma coisa para apostar nela, para trabalhar nela, para tentar realmente tirar os entraves, os obstáculos e eu acho que é uma coisa extremamente importante e eu acho que está em jogo agora numa discussão em termos do GERES. Eu deixaria então outras colocações, outros pontos para o debate.

- Obrigada Stella por trazer sua experiência de ensino na Graduação, tão importante, e também essa visão institucional, a visão da instituição, eu acho que você pode trazer luzes sobre isso no debate. Zaia.